



SALMAN KHAN E A ESTÉTICA DA SENSIBILIDADE – CONVERGÊNCIAS PARA PENSAR O ENSINO (À DISTÂNCIA)

Carlos Cariacás¹

RESUMO: O presente artigo abordará as convergências existentes entre o pensamento de Salman Khan e os *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio* acerca dos procedimentos de ensino. Atentando para a dinâmica do afeto como uma das marcas da estética da sensibilidade o artigo rastreia a presença da referida dinâmica na vida do autor e observa ser esta o fundamento de seu pensar a educação. Na sequência o artigo se concentra em mostrar as convergências entre o pensamento do autor e os referido Parâmetros Curriculares. Khan ao pensar o ensino a distância oferece muitas dicas para o ensino presencial dando a entender de que um não se constrói sem o outro. A pesquisa observa que o afeto é algo que cruza ambas as produções. A análise dos textos se dá pelos caminhos da retórica de Perelman..

PALAVRAS-CHAVE: Khan; Estética da sensibilidade; Ensino à distância.

SALMAN KHAN AESTHETICS OF SENSIBILITY – CONVERGENCES TO THINK OF LEARNING

ABSTRACT: This article will compare the similarities existing between Salman Khan's ideas and the National Curriculum Parameters – High School around the teaching procedures. Attempting to the dynamic of affection as one of the aesthetics of sensibility this article tracks the presence of the refereed dynamic in the author's life and observes the structures of his educational thoughts. In the sequence, the article focuses in demonstrating the similarities between the thoughts and ideas of the author and refereed Curriculum Parameters. Khan, while thinking about the distance learning offers many hints to the regular learning. The research observes the affection as a linker to both productions. The analyze of the texts is done by the paths of Perelman's rhetoric.

KEY-WORDS: Khan; Aesthetics of sensibility; Distance learning.

¹ Pós-doutorando em Democracia e Direitos Humanos (Universidade de Coimbra); Doutor em Ciências da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); Mestre em Educação, Administração e Comunicação (Universidade São Marcos); Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) e Pedagogia (Universidade Nove de Julho).

INTRODUÇÃO

Na última semana de janeiro de 2013 os sites de notícias divulgaram a presença do indo-americano Salman Khan no Brasil e acenderam os debates sobre a missão deste que tem chamado à atenção de todos aqueles que se interessa por adentrar nas vias do saber ofertado pela internet. Salman Khan é um educador no pleno sentido da palavra. Um homem que busca guiar, ou melhor, oferecer um caminho, ou caminhos, pelos quais pessoas (de 8 a 80 anos – como ele mesmo diz) possam chegar a conhecer, a se dedicarem a aprendizagem, com prazer. E a proposta de caminho ofertado pelo educador foi a fundação da *Khan Academy* que oferece gratuitamente cursos via internet dispostas em videoaula para quem desejar aprender com qualidade.

Fiquei instigado a conhecer mais sobre Khan visto o meu interesse pelo uso da internet no processo de ensino-aprendizagem (realidade que muito vem chamando a minha atenção nos derradeiros tempos). Li uma série de artigos sobre o mesmo e com o mesmo: entrevistas, notas, exposições, críticas...

Por ocasião desta visita ao Brasil a Editora Intrínseca lançou a obra - de autoria de Khan (2013) intitulada *Um mundo, uma escola – a educação reinventada* na qual vi a oportunidade de conhecer melhor a proposta do ilustre visitante.

Ao ler o título muitos aspectos do pensamento de Khan me chamaram a atenção como, por exemplo, a sensibilidade afetiva do autor para pensar a condução metodológica do Ensino à Distância (EAD). E lendo percebi semelhanças entre o pensar do autor e o conceito de estética da sensibilidade desenvolvido nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (PCNs)². E sobre esta peculiaridade o presente artigo tratará. Quero, com esta pesquisa, levantar as convergências dispostas entre ambos os textos. Ora, a sensibilidade educativa do pensamento de

² Os Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) são referências de qualidade elaborada pelo Governo Federal com vista a propiciar elaboração e reelaboração de currículos.

Khan está envolta por uma preocupação que não é puramente burocrática, ou teórica é, antes de tudo, de caráter afetivo (assim se pode observar). E este afeto, por sua vez, tem forte conexão com o que os PCNs chamam de estética da sensibilidade.

O termo estética da sensibilidade

(...) vem substituir a da repetição padronizada, hegemônica na era das revoluções industriais. Ela estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente (BRASIL, 1999, p. 73).

O objetivo deste trabalho é rastrear as reflexões de Khan que remetam ao conceito apresentado nos PCNs no intuito de atentar para a relação existente entre o pensar e o fazer do autor concomitante ao pensar a educação no Brasil. Farei esta tarefa me apoiando na obra de Khan (2013) e nos PCNs (BRASIL, 1999) estabelecendo comparação em seus aspectos de convergência e divergência.

Na proposta metodológica me pautarei pelos elementos da Retórica de Chaïm Perelman (2005) com o intuito de observar como o discurso de ambos os textos (de Khan e dos PCNs) articulam os seus argumentos. Isto é, quais os recursos retóricos que ambos os textos usam para formular seu posicionamento acerca do processo de ensino.

1. A SENSIBILIDADE EDUCATIVA NO PENSAMENTO DE KHAN: ORIGENS

Falar em estética da sensibilidade é falar em valorização da leveza, da delicadeza e da sutileza (BRASIL, 1999, p. 75). Em outras palavras a estética da sensibilidade remete, no fundo, a uma perspectiva de afeto educativo onde o outro (no caso, o aluno) é valorizado e onde a educação é pensada não mais pela velha estética estruturada, como diz os PCNs onde, nesta, o que é valorizado, em oposição a estética da sensibilidade, são os fatores mecânicos e físicos.

Obtempero que a adoção do termo afeto como pertinente a discussão da estética da sensibilidade ocorre por minha conta uma vez que nos PCNs de modo literal o referido termo não aparece, mas subjaz. O afeto se define como “(...) conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza (CODD & GAZZOTTI, 1999: 48-59)”.

Por este lado, pensar em estética da sensibilidade é permitir se enveredar nas entranhas de uma produção movida, como bem referenda o conceito disposto acima, nas vias da dor, prazer e alegria. Em outras palavras, a estética da sensibilidade se desenvolve em meio à dinâmica da vida e não pelo apego ao mero estrutural que enclausura a vida.

Salman Khan expõe com muita clareza e propriedade que o seu pensamento pedagógico é movido por afeto. E a propulsão de sua ação está radicada no afeto. Identifiquei, por esta via, a família como base e sustentação desta dinâmica.

Penso que significativamente o recorte da obra mais adequado para tratar da importância do afeto enquanto *locus* dinamizador do pensamento de Khan é a narrativa de seu casamento.

Formávamos uma família bastante unidade – embora metade dos meus parentes sempre estivesse brigada com outra metade. Ainda assim, um casamento na família era uma ocasião importante, então quando me casei, em 2004, mais de quarenta parentes fizeram longa viagem para Nova Jersey, onde morava a família de minha esposa (KHAN, 2013, p. 24).

Sua família, apesar de estar dividida em brigas era marcada pela unidade - como ele mesmo afirma. Unidade esta que se manifestou, por exemplo, na data do casamento com a presença de seus membros que percorreram longo percurso para aquele momento. Foi neste clima de afeto e presença que se desenvolveu a busca pela cooperação, pela presença do educador na vida do educando. Esta linha de raciocínio pode ser testemunhada em outros momentos do livro como é

o caso do companheirismo da esposa que sustentou a casa enquanto Salman se dedicava a causa da elaboração da *Khan Academy*.

A sensibilidade de Khan é manifesta também no relato de sua vocação ao comentar que em seu trabalho de então se sentia gratificado, mas que, no entanto, uma sensação de incomodo o possuía visto que pensava que poderia se dedicar a algo maior. O altruísmo do autor é incontestável em seu escrito chegando ao ponto de vermos o argumento do sacrifício desfilar em suas linhas. Altruísmo e sacrifício são primos próximos. Khan em sua obra, ao comentar sobre o seu empenho na formação de sua academia dá a entender que esta custava, antes de chegar o auxílio financeiro de famosos, a imolação de seus esforços em pró de algo maior. Como diz Perelman (2005, p. 285) “O argumento do sacrifício (...) pode servir para evidenciar o valor que se concede a alguma coisa”. E a imagem do sacrifício, por sua vez, carrega sem sombra de dúvida algo de emotivo, de sensibilidade. Algo muito valorizado pela tradição ocidental que serve como um sinal da construção das grandes edificações espirituais. E este teor altruísta se pode perceber na obra que é a *Khan Academy*. *Esta não foi concebida como um espaço de ganhos e produção de riqueza econômica pessoal*. Khan não projetou com este intuito, prova disto é quando narra acerca de sua carência financeira dada em meio ao seu múnus vocacional que foi atenuada por um cheque de 100 mil dólares doados por Ann Doerr quando viu as dificuldade financeiras pelas quais o fundador da academia passava (KHAN, 2013, p.158). No entanto, as linhas anteriores não podem levar a pensar que Khan pense o seu altruísmo pelo viés da caridade piedosa. O autor tem ciência da importância do financiamento social de ações como a sua e, sobre a referida lucidez escreveu um capítulo intitulado *A economia do ensino* (KHAN,2013, p. 122).

A sensibilidade em relação ao outro se manifesta desde o início da obra. Khan mesmo deixa transparecer que é uma pessoa preocupada com o destino da humanidade, com as pessoas que estão em sua volta. E o ponto de partida de sua jornada é, sem dúvida, o caso de sua prima Nadia. Salman ficou sabendo que Nadia, uma terceiranista, sofreu um revés acadêmico: saíra mal de

uma prova de nivelamento de matemática. Diante deste fato Salman se predispôs a ajudar e começou a postar no *Youtube* videoaulas de matemática para que a prima pudesse estudar (KHAN, 2013, P.24). E esta ação foi a semente da *Khan Academy*.

2. PENSADO O ENSINO VIA ESTÉTICA DA SENSIBILIDADE

Em tempos de tecnologia a impressão primeira que as pessoas têm é que pensar em vias de sensibilidade é algo que não orna bem com o fazer tecnológico (que se se avulta em seu espectro de frieza). Técnica, tecnologia, tecnicismo tem algo de metálico, de frio, por conseguinte, na formulação do pensar estes termos. A impressão é que a produção advinda do referido contexto de termos é, por excelência, alheia ao afeto, ao olhar mais próximo, mais cordial (no sentido mesmo que a palavra latina evoca – *cordis*- algo vindo do coração).

Salman cursou três bacharelados no renomado *Massachusetts Institute of Technology*, fez um MBA na Harvard Business School. Logo, pensar nisto é construir a princípio no imaginário a ideia de que Salman Khan é um cidadão envolto pela cultura contemporânea onde o fazer profissional está a serviço dos cálculos e dos interesses burocráticos dos ganhos, onde as preocupações do bem estar social não ultrapassa os interesses dos corporativos. Afinal, com um currículo deste e tendo estudado em tão renomadas instituições de ensino não se poderia esperar algo de diferente. Mas não é assim e isto já ficou exposto no item anterior ao abordar a vocação altruísta de Salman.

O texto de Khan é repleto de preocupações com o processo de ensino e, por conseguinte, com o bem estar geral das pessoas. Para Khan o ensino deve visar uma aprendizagem eficiente e eficiente aqui é sinônimo de aprendizagem com fins criativos, aprendizagem que não confine o aprendiz a mero memorizador de informações, mas que viabilize canais que possam auxiliar o aluno a saber como usar e dispor do aprendido para aperfeiçoá-lo. Em vários dos capítulos do livro

o autor se envereda pelas discussões metodológicas de como produzir conhecimento educativo de modo a gerar a eficiência, a qualidade.

De modo similar se manifesta os PCNs:

Nos produtos da atividade humana, sejam eles bens, serviços ou conhecimentos, a estética da sensibilidade valoriza a qualidade. Nas práticas e processos, a busca de aprimoramento permanente. Ambos, a qualidade e aprimoramento, associam-se ao prazer de fazer bem feito e à insatisfação com o razoável, quando é possível realizar o bom, e com este, quando o ótimo é factível (BRASIL, 1999, p. 76).

Concomitante ao acima disposto Khan se mostra contrário a ideia de satisfação com o 70% de aproveitamento dos estudos por parte do aluno, sendo que este pode atingir os 100%. Há aqui uma valorização à qualidade em detrimento a aceitação proporcional da quantidade (PERELMAN, 2005, p. 100). Isto é, os centros de produção do conhecimento se contentam quando os alunos, em sua maioria, atingem uma porcentagem razoável sobre a aprendizagem. Na retórica o lugar da qualidade comumente é um tipo de argumento que contraria a questão numérica optando, como o argumento mesmo diz, pela qualidade. Qualidade em Khan é algo imprescindível de quantidade um vez que, segundo ele, todos os alunos devem aprender 100%. Neste sentido Khan subverte o argumento retórico potencializando-o.

Passo em revista, agora, algumas das incursões acerca do método disposto por Khan para a sua academia no intuito de observar como o autor, procurando gerar uma metodologia para o ensino a distância, produz reflexões que fazem pensar também o ensino presencial. Atento que as incursões se dão com base na estética da sensibilidade.

Khan convida o educador a se colocar no lugar do aluno. Isto é, solicita que entenda que todos os alunos são diferentes e que, portanto, aprendem de modo diferente com ritmos distintos. É um convite para que o professor procure se colocar no lugar do aluno, que pense em como, se ele fosse aluno, gostaria de aprender. É o que Perelman (2005, p. 250) chama de argumento de reciprocidade. Os PCNs, no ponto sobre a estética da sensibilidade, recorda a importância do reconhecimento das diferenças - visto ser o Brasil um país marcado pelas diferenças. A

educação, conforme reza os PCNs, deve estar aberta as diversidades de alunos e professores sem deixar de levar em consideração a construção conjunta da responsabilidade de construir a cidadania aberta ao mundo (BRASIL, 1999, p. 76). Da mesma sorte, em Khan, a aprendizagem não ocorre de maneira industrial, estática e alheia ao mundo. E neste sentido o autor critica o modelo de educação disposto em sala de aula (pela via do modelo que ele chama de tradicional) visto que não contempla esta particularidade tão importante do processo de ensino-aprendizagem (KHAN, 2013, p. 28). Por sinal, tanto Khan quanto os PCNs trabalham em suas construções discursivas com o argumento da dissociação visto que contrapõem o novo modelo de ensino com o velho (chamados pro ambos concomitantemente de tradicional e estrutural) (PERELMAN, 2005, p.467). Neste sentido o autor argumenta que a tecnologia tem muito a oferecer para que o professor possa se libertar do modelo tradicional de ensino que visa a uniformidade para o novo modelo que almeja o trato adequado para a valorização da particularidade. É o que escreve o autor:

(...) o tempo dedicado ao contato pessoal entre professores e alunos é um dos aspectos que humanizam a experiência na sala de aula, tornando possível que tanto professores quanto alunos brilhem em singularidades (...) As aulas com auxílio de computadores liberam precioso tempo, que de outra forma seria gasto em exposições – modelo no qual os alunos geralmente ficam sentados com expressão neutra, de modo que os professores não têm como avaliar quem está “pegando a matéria” e quem não está (KHAN, 2013, p. 41).

Os PCNs reconhecem a necessidade dos currículos e as práticas escolares fazerem com que os alunos tenham contato com as novas tecnologias. E esta justificativa se dá sobre o peculiar dos tempos atuais: a inegável presença e força da informática no cotidiano das pessoas. E diante disto assevera que incluir o uso das novas tecnologias na vida escolar é “(...) preparar os estudantes para o mundo tecnológico e científico aproximando a escola do mundo real e contextualizado (BRASIL, 1999, p. 186)”.

Em complemento a esta ideia Khan (2013, p. 41) observa que “Os professores podem ganhar tempo para orientar pessoalmente aqueles que estejam em dificuldades com a matéria; podem ir além da mera exposição e se dedicar as funções mais nobres como inspirar, orientar e expandir as expectativas”.

De modo que, conforme delineado acima, o autor resgata o sentido primeiro de pedagogia constituído na figura do guiar (PILETTI, 2008, p. 19). É a tarefa do pensar o professor no ensino fundamental e básico, segundo o disposto pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL,1996), onde este assume tarefa de tutor.

Na esteira do contato do aluno com o professor o autor chama a atenção para outro ponto relevante no tangente as transações da sensibilidade no universo humano: o reconhecimento da importância do rosto. As mais variadas tradições dão relevante importância para os laços de afeto que se manifestam via o referencial simbólico do rosto (VILLA, 2000, p. 28). Um exemplo disto é o mito judaico da cisão entre o homem e Deus. Conta o relato do Livro do Gênesis que quando Adão comeu o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal se escondeu da presença de Deus quando este o vinha visitar durante as tardes. A divindade questiona o motivo que fez com que Adão se escondesse e Adão, por sua vez, diz que estava com vergonha visto que desobedeceu ao imposto por Deus.

As linhas de Khan transcorrem neste sentido quando afirma: “Por meio das expressões faciais, os professores transmitem empatia, aprovação e muitas nuances de preocupação. Os alunos, por sua vez, revelam suas aflições e incertezas, bem como seu prazer quando finalmente um conceito fica claro (KHAN, 2013, p. 41”.

Pelo já contemplado se observa que Khan destina em seu pensar pedagógico um espaço especial para a reflexão sobre o uso do tempo. Conforme visto cabe ao professor usar o seu tempo para tarefas mais nobres, segundo expressão do autor. E a preocupação não para por aí, a mesma está implicada na eficiência do método de ensino; é o que apresenta o autor ao mostrar suas reflexões de então: “Nos anos de formação da *khan Academy*, eu ainda buscava, aos trancos

e barrancos, como desenvolver os métodos mais eficazes para as videoaulas (KHAN, 2013, p. 34)”. E sobre o uso e a importância do tempo uma série de fragmentos dá conta de mostrar a sensibilidade de Salman para com a viabilidade do processo de ensino-aprendizagem, veja:

Outra decisão formativa crucial teve ver com a duração das aulas. (...) De qualquer forma, analisando a aula minuto a minuto, os professores determinaram que os alunos precisavam de um período de três a cinco minutos para se acomodar, seguido de dez a dezoito minutos de concentração máxima. Depois, independente da competência do professor ou do apelo da matéria-, havia um lapso. (...) Se atenção durava de dez a quinze minutos, por que as aulas continuavam tendo duração de uma hora (KHAN, 2013, p.35-37)?

A preocupação com uso do tempo e com a diversidade de dinâmicas para auxiliar o estudo do aluno não é algo novo, a Pedagogia mediante a Didática há muito faz considerações sobre isto (PILETTI, 2008, p. 60). No entanto, as práticas escolares são distintas, muitas das vezes muitos professores têm a ideia de que a docência se resume no ato de proferir palestrar. Palestrante e professor são duas classificações distintas e o múnus dos mesmos não podem se confundir.

Os PCNs afirmam que o pensar a educação é pensar no uso do tempo que é essencial não só no como o usar no espaço escolar, mas que o tempo seja pensado e usado adequadamente pelos alunos em seu cotidiano também fora da escola, é o que diz o texto:

(...) a estética da sensibilidade quer também educar pessoas que saibam transformar o uso do tempo livre num exercício produtivo porque criador. E que aprendam a fazer do prazer, do entretenimento, da sexualidade, um exercício de liberdade responsável (BRASIL, 1999, p. 76).

Como se observa há uma convergência na forma de pensar o tempo em Khan e nos PCNs, ambos miram o uso do tempo tendo em vista o quanto este pode ser usado em direção à satisfação humana. Em Khan podemos falar em satisfação e produção intelectual e, nos PCNs, o uso do tempo é pensado de modo mais extenso. Os PCNs, no referente a estética da sensibilidade,

afirma que os educadores precisam gerenciar o tempo levando em consideração o uso do lúdico e da alegria integrada no múnus da docência.

Outro ponto que chama a atenção em Khan é a proposta de que o professor possa ser um estimulador da potencialidade do aluno no sentido de que este possa adotar uma postura ativa em seu desenvolvimento intelectual. A ideia de passividade é execrada pelo autor. A metodologia de ensino, assim pensa, deve levar em consideração a ideia de que o aluno se apropria do conhecimento para se permitir a liberdade. E nisto está a importância do conhecimento que se dá por rede. O aluno, ao estudar, deve ter ciência de que o conhecimento ativo é aquele que se processa em rede, em relação com outros conhecimentos. É o que manifesta Khan (2013, p. 56):

Ao desenvolver aos poucos o meu próprio método de ensino, um dos meus objetivos centrais foi reverter a tendência a fragmentação. A meu ver, nenhum assunto jamais é encerrado. Nenhum conceito está isolado de outros conceitos. O conhecimento é contínuo, as ideias fluem.

Assim como as ideias fluem o modo como Khan pensa o aluno é em processo de fluidez, de liberdade. O seu método visa a autonomia do aprendiz e a interação cooperativa do professor para com aluno. Não é um projeto metodológico inspirado na manutenção do poder visto que a ideia de conhecimento que se dá em rede e sem fragmentação não permite a manutenção de ideias de mão única. “Numa escola inspirada na estética da sensibilidade, o espaço e o tempo são planejados para acolher a diversidade dos alunos e oportunizar trocas de significados (BRASIL, 1999, p. 76)”.

Impressiona em *Um mundo, uma escola* o teor de otimismo do autor em relação à capacidade humana de aprender. Khan é um entusiasta, crê que é possível que as pessoas atinjam a aprendizagem 100%. Aponta recorrentemente, com base em pesquisas acadêmicas, as falhas da chamada corrente tradicionalista de ensino. Aposta na reinvenção da aprendizagem mediada pela internet (via videoaula e com a valorização do professor mediador de conhecimento e aluno enquanto produtor criativo).

É um otimismo clássico, a maneira dos grandes pensadores gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Sócrates, por exemplo, era um entusiasta da capacidade humana de se dirigir para o bem; pensava que se o homem comete o erro é por inabilidade na execução do que é bom, mas na medida em que o homem contemple e exercite o bem este será atingido e o homem só viverá e praticará o que é bom. Para Sócrates o erro só acontece por falha no cálculo da execução. Khan carrega consigo muito deste tipo de pensamento. Observamos esta tendência de reflexão em duas citações do autor

Aristóteles na primeira linha de sua *Metafísica*, afirma que “todos os homens desejam naturalmente o conhecimento”. Ele não fala em habilidades comerciais. Não se refere credenciais certas para conseguir um emprego. Ele remete a aprender por aprender, e declara que esse impulso como a própria definição do que significa ser humano.(...) Há muitos atrativos na abordagem de Platão e Aristóteles da busca da verdade. Este é, de fato, o estado de espírito que espero transmitir para meus estudantes por meio de meus vídeos (KHAN, 2013, P.73-74).

Esta é a base do pensamento pedagógico de Khan, com a diferença que, ao contrário do mundo elitista grego, a sua obra quer se estender para todos os estudantes do mundo indistintamente de sua condição social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para quem está acostumada com a produção contemporânea sobre educação, a obra de Khan não traz nenhuma novidade. O conteúdo de seu livro e de seu pensamento em nada foge do postulado pelos teóricos da atualidade. Todavia, é gratificante e reconfortante ler uma obra de um cidadão que viu na educação uma forma de ajudar pessoas no mundo todo por esta via.

Khan trabalha com o ensino a distância, mas sua produção não se restringe a este, antes oferece dicas de como o professor (presencial) em seu cotidiano pode dinamizar suas aulas para



o ensino prazeroso. E o prazer e a alegria fazem parte do que os PCNs chamam de estética da sensibilidade.

Conforme contemplado nas linhas anteriores Khan carrega em seu pensamento muito do que os PCNs chamam de estética da sensibilidade. Esta convergência de pensar sobre a educação e o ensino tanto a distância quanto presencial, pode ser tida como o espírito dos tempos que vivifica e confirma a presença e a necessidade do novo na vida das pessoas.

Tanto Khan quanto os PCNs desenvolvem articulações pedagógicas pautadas pela dinâmica do afeto onde a educação é pensada como algo visceral, movida pela vida e pelas necessidades desta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: DF, 1996.

_____, MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

CODO, W. & GAZZOTTI, A.A. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. (coord.) **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola: a educação reinventada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

PILETTI, Cláudio. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2008.

VILLA, Mariano Moreno (org). **Dicionário de Pensamento Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000.



CARLOS CARIACÁS

Pós- doutorando em Democracia e Direitos Humanos , Doutor em Ciências da Religião (PUC-SP), graduado em Filosofia (PUC-MG).

Artigo recebido em 01/04/2013

Artigo aceito para publicação em 29/07/2013

Para citar este trabalho:

CARIACÁS, Carlos; SALMAN KHAN E A ESTÉTICA DA SENSIBILIDADE – CONVERGÊNCIAS PARA PENSAR O ENSINO (À DISTÂNCIA); Revista Paidéi@. UNIMES VIRTUAL, Volume 5, Número 8, JUL.2013. Disponível: <http://revistapaideia@unimesvirtual.com.br> . __/__/__